

SEGUNDA GERAÇÃO DE IMIGRANTES: INTEGRAÇÃO, MIMETISMO E IDENTIDADE AMBÍGUA. ASPECTOS DA IMIGRAÇÃO BRASILEIRA NA ITÁLIA

João Carlos Tedesco

RESUMO

O artigo objetiva analisar aspectos da segunda geração de imigrantes brasileiros na Itália, principalmente no âmbito escolar. Os filhos de imigrantes são parte integrante do sistema escolar italiano e chamam a atenção, tanto pela dimensão numérica, quanto pelos desafios pedagógicos e interculturais. Através de pesquisa de campo em algumas escolas do norte e nordeste da Itália e junto a famílias de imigrantes brasileiros, percebemos que é uma realidade problemática, reflete concepções e o contexto social em que vivem os imigrantes, bem como as ambigüidades e tensões dos núcleos familiares.

PALAVRAS-CHAVE

Segunda geração. Imigrantes brasileiros. Escola. Itália.

ABSTRACT

The article aims to analyse aspects of second generation of Brazilian immigrants in Italy, mainly in the school sector. The immigrants' children are part of the Italian school system and stand out both in number as well as in associated pedagogic and intercultural challenges. Through field research on a number of schools in North and Northeastern Italy and Brazilian immigrant families, we realized that it is a problematic reality which reflects conceptions and the social context of the life of these immigrants as well as the ambiguity and tensions of the nuclear family.

KEYWORDS

Second generation. Brazilian immigrants. School. Italy.

1 Introdução

“L'Italia è degli italiani”

(Depoimento de um aluno italiano em escola)
(FRANCO, 2010, p. 220).

[...]. As crianças e adolescentes brasileiros e latino-americanos são carentes, sofrem pra burro nas escolas, porque ainda temos muitos preconceitos, muitos pais que jogam os filhos nas escolas aqui como faziam no Brasil, não se dão conta da tamanha diferença e das dificuldades dos filhos, empurram com a barriga os problemas, ou fazem de conta que não vêem [...]; isso não funciona; são dedicadas, se lamentam ver os filhos penando para aprender alguma coisa, ainda mais quando já são pré-adolescentes. [...] Eles sofrem e os pais juntos. [...] Mas eles serão diferentes, aliás, pra eles tudo será diferente, já querem ser diferentes; não andam com imigrantes, querem andar com italianos, se integram no jogo de bola; exploro muito isso, porque qual é o brasileiro que não jogava bola na escola? [...]. Jogar bola e sair de tarde é com italianos. Esses são o modelo de vida pra eles. Isso tá na ideia deles [...], acho que os pais criam isso em casa também; tu sabes que aqui imigrante é mal visto; mas todos acham que os mal vistos são os outros. Isso eu observo todo o dia. [...] Por isso querem fugir da pecha de imigrantes. [...] Depois que passam alguns

meses, esse negócio de discriminação está só na cabeça dos adultos, as crianças encaram as diferenças como coisa normal. (Imigrante brasileiro, mediador cultural no norte de Itália. Entrevista direta).

Ao falarmos de segundas gerações de imigrantes não podemos esquecer que há profundas diversidades: os nascidos na Itália, os filhos de imigrantes, os menores agrupados, os filhos de casais mistos (brasileiras com italianos, principalmente),¹ os frutos de situações e de demandas de asilo, imigrantes vivendo junto com os pais, crianças com longas separações de pais, filhos de pais em condição irregular no país, há os que são filhos somente de pai e/ou de mãe estrangeira, há os com dupla-cidadania, alguns com melhores condições econômicas, filhos em que os pais já estão bem integrados com italianos, outros que não conseguiram se desvincular do local de origem e que não projetam ficar muito tempo na Itália, filhos com tempos diferentes de permanência e entrada na Itália, uns que residem no meio rural e outros no cenário urbano etc. Essas diferenças estão em correspondências com as características próprias dos imigrantes de uma forma geral, ou seja, de seus vários períodos (SAYAD, 1999), condições, territórios de origem/destino e relações.

As diferenças devem ser levadas em conta, pois, na realidade, revelam e produzem

1. As brasileiras são a terceira nacionalidade com maior número de casamentos com italianos; a imigração brasileira no país está em torno de 50 mil (dados da Itália, Caritas/Migrantes, 2013) e 80 mil segundo os dados do Itamaraty. Essa diferença é explicada pelo fato de que na Itália quem possui a dupla-cidadania não é considerado imigrante, mas para o Itamaraty sim. Desse total de imigrantes, 74% é constituído por mulheres, dado esse que revela que as mulheres brasileiras migram muito mais do que os homens para a Itália. Em 2008, foram realizados 1.738 casamentos entre italianos com brasileiras, um número menor entre italianas com brasileiros (291 casos); em 2009, as brasileiras estavam em segundo lugar; em 2010, 9% de todos os casamentos mistos foram de brasileiras, passando o país a figurar em 3º lugar; em 2012, o país figura ainda em 3º lugar, com 7,6% de todos os casamentos mistos, atrás apenas da Romênia e da Ucrânia. Lombardia, Vêneto e Lazio são as três regiões de maior concentração de casamentos mistos com brasileiras. Os dados revelam que a idade média de italianos supera os 40 anos e as mulheres está na faixa dos 30 a 35 anos (Dados do último Dossier Migrantes, 2013).

situações também diferenciadas na concepção e no cotidiano da escola e das segundas gerações, suas intenções, projeções, temporalidades, aprendizagens e significações. Os próprios adolescentes mudam em múltiplos horizontes (fisiológico, psicológico, no ambiente social etc.), fatores esses que se refletem no âmbito identitário das segundas gerações (CANEVA, 2011); ou seja, são realidades que estão chamando a atenção; são plurais e diversificadas; estão em pleno dinamismo no interior do país, nas ruas e nas escolas.²

Costuma-se dizer que os primeiros migrantes preparam o espaço para as segundas gerações. Essas dependerão muito daqueles, principalmente em termos de performance pública, integração social, sociabilidade, formação escolar, “gosto pelo país”, como nos disse o mediador cultural citado acima, ou, então, “devo estudar para eu não fazer amanhã o que o pai faz hoje”, como nos disse um aluno de uma escola na cidade de Verona.

Ainda que nossa intenção não seja estudar a escola como elemento central junto às segundas gerações, não podemos ignorar que a mesma é uma das grandes questões que cercam os imigrantes hoje na Itália e na Europa como um todo. A presença de segundas gerações faz aumentar a dependência social dos imigrantes em relação ao *welfare state*, bem como faz com que possam ser ampliados os matrimônios interétnicos (talvez, com menos endogenia, com alteração no campo linguístico, certa desvinculação e redefinição relacional com o local de origem dos pais) e os processos de integração cultural e étnica. Com isso, poderá também haver redução da dimensão

transnacional que, em grande parte, caracterizou a primeira geração – os *pioneiros*.

Segundo os últimos dados publicados pela Caritas/Migrantes de 2012, havia, em 2011, na Itália, quase um milhão (932.675) de jovens com menor idade; os filhos de imigrantes presentes nas escolas eram em torno de 800 mil (8% dos alunos do país), a escola primária absorvia a maior presença, com 253.756 alunos; significando, com isso, um grande contingente ainda no início do sistema escolar do país. Um relatório publicado pelo Ministério da Educação Pública, em 2011, indica que o número de alunos estrangeiros no país cresceu, em média, 25% ao ano nesses últimos cinco anos (2006-2012). Na região do Vêneto, espaço de identificação de nosso estudo, os alunos estrangeiros, em 2011, já chegaram nas barbas dos 110 mil (13% do total de alunos na região, ou seja, bem acima da média do país; na região da Lombardia, esse percentual sobe para 14%). Quase metade de todos os alunos imigrantes é proveniente de três países: Romênia, Marrocos e Albânia. O Brasil já possui um contingente de alunos próximo aos 8 mil; mais de 2 mil em toda a região do Vêneto (OSSERVATORIO IMMIGRAZIONE, 2010).

Mas a questão das segundas gerações não se encerra nos dados estatísticos demográficos; há fatores que problematizam a sua presença, os quais não envolvem só imigrantes e seus filhos, mas as instituições públicas, a sociedade em geral, as famílias dos imigrantes, a sociabilidade cultural e as perspectivas futuras. No cotidiano de suas famílias, essa realidade nova e de um novo

2. Desenvolvemos um capítulo em nosso terceiro livro sobre o tema da emigração de brasileiros para a Itália em torno da escola e segundas gerações (TEDESCO, 2012); aqui sintetizaremos algumas dessas idéias acrescidas e atualizadas pela pesquisa de campo realizada em ocasião de um estágio de professor visitante na Universidade de Verona em Janeiro de 2014.

país (para os não nascidos na Itália) marca e produz relações sociais e culturais de difícil apreensão e entendimento de seus frutos.

Analistas defendem que as segundas gerações, inseridas no âmbito educacional e social da Itália, serão as que alterarão o quadro imigratório de amanhã, serão as promotoras da confiança e da esperança de alteração dos quadros precários de integração social em que vivem os imigrantes hoje. A socialização, a aprendizagem da língua, a formação educacional, a cotidiana inserção e integração na sociedade de destino, em grupos escolares e de amizade, preparam um caminho para a alteração da performance dos futuros trabalhadores e cidadãos do país. Porém, a realidade da Itália e de outros países europeus (França, em particular) revela também outros processos não tão promissores e harmônicos assim.

Buscaremos, nesse curto texto, analisar alguns desses aspectos elencados acima, tendo presente algumas informações obtidas em contatos de campo em escolas de pequenas cidades de províncias como Verona e Bréscia, nos meses de dezembro e janeiro de 2008 e 2009, bem como em alguns momentos entre agosto e outubro de 2011 e janeiro de 2014. Acompanhamos mediadores culturais que atuam junto a estudantes latino-americanos, bem como atividades de instituições que fazem trabalho nas escolas, promovem cursos de língua italiana para alunos estrangeiros – como é o caso do Cestim de Verona –, dentre outras práticas de contatos diretos com pais de alunos em suas casas, jogando futebol de salão e, depois, de um modo informal, dialogando com os mesmos sobre o referido tema.

Não tivemos tempo hábil para fazer uma pesquisa mais detalhada com as diversas especificidades dessa categoria junto aos brasileiros. Desse modo, o que pode-

remos oferecer é um quadro exploratório de elementos que imprimem situações de suas vidas, de uma forma genérica, mas que revelam alguns dos aspectos vividos e esperados da segunda geração de imigrantes, em particular de brasileiros, os quais, talvez, não muito diferente de outras nacionalidades do país de imigração, vivem uma identidade ambígua.

O eixo central do texto busca demonstrar tensões, ambiguidades, estratégias, racionalidades dos dois sujeitos – pais e filhos – em torno das indecisões entre ficar e permanecer no país, entre absorver a “cultura italiana” e/ou reproduzir valores, concepções de mundo e modos de ser do espaço de origem, da “cultura dos pais”, entre idealizar projeções diferenciadas da performance de imigrante dos pais e a dos filhos, mediada ou não pela formação escolar na Itália. Enfim, busca-se analisar aspectos em que as ambiguidades e as incertezas vividas na realidade imigratória, num contexto de crise econômica e de ausência de políticas integrativas para os imigrantes, produzem conflitos e tensões no interior das famílias e das escolas em que os filhos desses se fazem presentes.

Construímos nosso texto a partir de alguns elementos centrais: primeiramente buscamos enfatizar a correlação existente entre imigração e o contexto social e econômico vivido e como isso repercute na vida das famílias imigrantes; num segundo momento, damos ênfase ao fato de que o estigma de ser filho de imigrante marca a trajetória dos mesmos; preconceitos étnicos/raciais e de nacionalidades se fazem presentes no cenário da aprendizagem formal, dificultando oportunidades de integração e inclusão social dos filhos de imigrantes. Por fim, buscamos demonstrar conflitos, tensões e ambiguidades no seio familiar em razão da mudança de valores

e comportamentos de filhos de imigrantes, das (in)decisões dos pais entre ficar ou retornar em razão da crise econômica do país e das projeções idealizadas por aqueles e pelos próprios filhos.

2 "[...], mais brasileiro que italiano".

Identificação ambígua

Não há presença em um lugar que não se paga com a ausência em outro. (SAYAD).

Os filhos de imigrantes não estão deslocados das realidades concretas da imigração. Eles a expressam de várias formas e por várias estratégias. É essa totalidade que precisa ser evidenciada. Um pai brasileiro, que tem um filho numa escola média de Quinto, pequena cidade pertencente à província de Verona, disse-nos que

pouco adianta envolverem o piá todo o dia na escola e nos grupos que frequentam com professores, porque do jeito que vai o desemprego aqui, vamos também nós voltar, como tem muitos fazendo já; não dá mais pra agüentar ficar com a família aqui, ou eles voltam, ou voltamos todos; a crise pegou e se viemos pra sair do vermelho, não vai dar pra seguir. [...]; é normal que ele [filho] não queira voltar, né, ta acostumado aqui, mas vamos fazer o que?. (Entrevista direta com Brasileiro em Quinto; o mesmo é oriundo de Água Doce – SC; trabalha como carpinteiro).

Os filhos, em sua formação, integração e sociabilidade, carregam o cotidiano das experiências mais amplas, a realidade migratória do trabalho, da sociabilidade, dos contatos, dos desejos de integração, das relações mantidas com o local de origem etc.

Outro interlocutor, contatado em Milão, que casou com uma brasileira na Itália e que já tinha um filho de cinco anos de ou-

tro casamento, disse-nos que “difícilmente dará pra ficar aqui nesse apartamento, são 600 euros que se vão todo o mês, ou ele [filho] volta, ou teremos de arrumar outro de preço baixo; com a crise que tá não dá pra gastar tudo isso.” Por isso que as condições familiares dos imigrantes, situação econômica do país, projeções de tempo de permanência, políticas públicas de apoio às famílias com filhos etc., repercutem e ressoam na vida cotidiana dos imigrantes e em suas decisões no campo da educação e da presença de segundas gerações na Itália.

Vimos em visitas que fazíamos em casas de brasileiros com filhos, a ênfase dada à facilidade na aprendizagem da língua, “agora passamos vergonha porque ele nos corrige”, disse o pai de um deles; e, em outro estabelecimento da casa, a mulher complementou dizendo que o mesmo “nos ensina também, e reclama quando não falamos em italiano, sabemos menos do que ele; eles aprendem com muita facilidade; uma vez em Roma, quando fomos passear, ele me chamou atenção quando falei errado com um recepcionista de hotel.”

Percebemos que pais expressam preocupação em relação a um conjunto de fatores que se relaciona com o filho e com a sua vida de imigrante: seu possível retorno, aproveitamento do estudo do filho, o medo da socialização em outros hábitos, ausência de vínculos familiares e de amizade no Brasil. Os pais reconhecem que não têm possibilidades de acompanhar os filhos nos estudos, principalmente os que revelam fragilidades na aprendizagem; revelam também sofrimento “em ver a filha se desdobrando pra aprender coisa que, pra ela, é muito difícil, e nós não sabemos ajudar em nada, nem entendemos a língua, o que dirá o que ela está aprendendo!” Outra fonte de temor expressa pelos mesmos é em relação às companhias

e aos vínculos estabelecidos com filhos de italianos e de outras nacionalidades, principalmente em relação às filhas, o fato de ficarem em casa sozinhos e pouco ocupados, de alguns não quererem estudar, “que a gente sabe que aqui é difícil, ele já vem de uma escola fraca no Brasil, mas é melhor pra ele, né.” Há manifestação também dos pais devido à ausência de tempo e de possibilidade para sair, visitar co-nacionais e outros; com isso, os próprios filhos ficam sem maiores possibilidades de constituição de amizades e de lazer que não sejam as propiciadas pelo ambiente da escola.

Por sua vez, filhos/as (jovens e/ou adolescentes) informam em entrevistas e contatos informais obtidos nas casas e na companhia de mediador cultural (Desenzano e Pádova) o que pensam: “na Itália é bom, fizemos mais amizades”; “aqui os pais controlam menos”; “eu quero fazer curso técnico e ficar aqui, eles [pais] é que querem voltar pro Brasil”; “tu pega parceria fácil aqui na escola e as amizades parecem que são mais sinceras aqui”; “tem discriminação sim, mas depois tu se enturma, cria o teu grupinho e, fora disso, eu não dou bola”; “aqui se fica muito tempo no computador; meio dia eu fico em casa sozinho, sem internet, tu morre aqui”; eu estudo italiano, inglês, jogo bola, saio muito fora do período de aula”; “eu gosto mais do jeito deles aqui [referindo-se a jovens italianos] do que dos amigos que tinha no Brasil.” “Eu não esqueço do Brasil, o pessoal de lá

[seu local de origem], mas quero fazer minha a vida aqui.”³

No entanto, vimos também que há elementos que manifestam esperança, projeção, desejos que serão materializados e mediados em razão da presença de filhos na escola e, em última instância, por terem seus filhos juntos na Itália. Dois adolescentes brasileiros (13 e 15 anos) que vivem com seus pais em duas casas muito próximas, em Desenzano – província de Bréscia, ambos há três anos na Itália (seus pais emigraram juntos), falando sobre as dificuldades, a integração, a assimilação, o domínio da língua etc., entrevistados num campo de futebol de uma escola, por ocasião de um trabalho com o mediador cultural, disseram: “eu sou brasileiro-italiano, agora mais italiano”; “eu sou ainda mais brasileiro, mas todos dizem que sou já italiano; na escola, a prof. [professora] disse esses dias que não tem mais dificuldade comigo porque falo bem.” Um dos adolescentes disse que “tem muita diferença sim, as professoras dão ainda bem mais atenção pra nós, tanto é que estamos aqui com outros imigrantes agora”; retruca o outro dizendo que “é, mas tu lembras o ano passado? Tu mesmo querias ir embora, agora não, tu é o que mais quer ficar.” [...]. Complementa o colega dizendo: “eu levei dois anos pra aprender a língua, tu aprendeu mais rápido, teus pais falam italiano em casa, os meus não; eu aprendi na turma, jogando bola, todas as tardes nós vamos em algum lugar

3. Em nosso livro (TEDESCO, 2012), elencamos um amplo referencial de narrativas de jovens que exprimem sua forma de ver a escola, a vida familiar, os processos de integração e de identificação com autóctones ou com outras nacionalidades, seus vínculos e redes com o espaço de origem, idealizações, etc., as quais revelam tensões, desejos, contra-posições familiares, estratégias para enfrentar a questão da língua, do fato de serem vistos como filhos de imigrantes, dentre outros; para efeito de um breve artigo, não temos condições de avançar nesse sentido.

jogar bola, na escola quase sempre, aqui tem sempre gurizada.” Sobre a situação da família, entre retornar ao Brasil e ficar, ambos nos disseram que “[...], por mim ficaria, eu gosto daqui”; “eu também gosto, mas meu pai quer retornar” (suas famílias são oriundas de Caxias do Sul – RS).

Nas colocações do mediador cultural, que acompanhou nosso diálogo e, em algumas situações, intervinha, há a preocupação com os fatores integrativos:

eu sinto que os pais fazem muita coisa errada, não sei os deles [dos dois adolescentes], mas já vi pais que proíbem filhos sair com outros imigrantes; meninas saem bem menos que os meninos, os pais dificultam porque acham que vão se assimilar aos outros; é engraçado, parece que as referências culturais dos moleques italianos não os agradam! Porém, vi pais que dizem não querer ver seus filhos com brasileiros ou com outros imigrantes; querem sim que se misturem com italianos para aprender a língua. [...]. Na verdade, são valores diferentes que ambos carregam. Um pouco do outro você precisa ter, essa é a lógica da integração e que os imigrantes precisam também ter e não só esperar dos daqui. [...]. Com os filhos e filhas de italianos então pode? Veja que aqui só tem gente da América Latina; pra jogar bola misturamos todos os imigrantes que estão aqui; isso eu faço sempre; eu acho que quanto mais mesclado melhor fica; o meu trabalho é esse, é mesclar e integrar, fazer ver que as diferenças enriquecem. (Entrevista direta com imigrante brasileiro, mediador cultural).

Analistas do campo em questão dizem que é dessas segundas gerações que vai depender muito da caracterização, da fotografia futura da imigração no país. Na realidade, o investimento público que é feito se dá em razão da convicção de que esses

desejarão ficar no país, alterarão o quadro da migração temporária de seus pais, ou seja, de temporária para permanente. Segundo Ambrosini (2005, p. 163), “essas segundas gerações, de uma forma ou de outra, poderão promover relações interétnicas mais bem definidas e que transformarão a geografia humana e social amanhã, mas começando agora.” Fala o autor que o campo educacional deverá expressar com veemência a dinâmica integrativa e não meramente assimilacionista que envolve os imigrantes e autóctones, tanto em sua incipiência, quanto em sua possibilidade. As segundas gerações terão possibilidade de transcender a dimensão étnica; são incentivadas ao estudo para que não tenham de exercer atividades de seus pais; representam grande descontinuidade intergeracional, porém, com grande probabilidade de serem vistas e socializadas como uma classe inferiorizada (como *sub-classe*) (WALDINGER; PERLAMANN, 2009); ou seja, os direitos e/ou a cidadania formal não são suficientes para garantir paridades de condições e tratamento equânime nas relações cotidianas em relação aos autóctones (RAVECCA, 2009). Na realidade, as segundas gerações revelam o quanto é difícil a integração cultural, quanto somos segmentados e *fronteiriços* na sociedade atual. Na entrevista com um mediador cultural junto a brasileiros e latino-americanos em escola de Desenzano, o mesmo afirma que a Itália “não investe muito nesse sentido; há uma distância entre imigrantes e autóctones, há quilômetros para percorrer nesse sentido”; o mesmo coloca que há tensões nos processos que envolve encontros culturais; há contestações de jovens imigrantes, principalmente em cidades como Milão, Gênova e Roma, assim como há estratégias de mimetismos, de identificação com jovens au-

tóctones, que “alunos nas escolas aprender a ser italianos, a fazer frente aos estereótipos negativos atribuídos aos imigrantes.”⁴

O mimetismo aqui é entendido como estratégica, como tentativa de identificação de imigrantes de segunda geração com outros grupos, em particular, os autóctones. Esse processo envolve desejo de semelhança e imitação, de se sentir adaptado, com maior expressão integrativa no âmbito cultural e social. A denominada “cultura Europeia”, incorporada e expressa por adolescentes e jovens autóctones, atrai os colegas de escola, filhos de imigrantes, eleva a autoimagem desses últimos, retira ou reduz o estigma de “filhos de imigrantes”, de estrangeiros, ao mesmo tempo em que define a superioridade do outro, produz uma negação de si mesmo, de sua cultura e história. Nesse sentido, o significado de mimese que queremos imprimir na análise específica, está relacionada ao fenômeno da identificação com o outro, da atração modelar que o estilo e as condições de vida Europeia e as suas representações exercem sobre os filhos de imigrantes.⁵

Segundo Zoletto (2007), as segundas gerações de imigrantes não vão querer começar de baixo. Vários países demonstram isso, pois as mesmas revelam ser uma categoria social intermediária entre uma situação de precariedade de seus pais para uma idealizada em consonância com autóctones. Essa é uma realidade que revela um presente e um futuro ambíguos; porém, reflexo da concepção de imigrante que ainda se tem nas sociedades nacionais.

O imigrante possui, por sua natureza (como já dizia Sayad), uma identidade deslocada, pouco conhecida, com status social baixo, inserido nos graus mais inferiores da hierarquia ocupacional, e, é para sair dessa situação precária que emigrou (SAYAD, 2002); porém, não pode ascender imediatamente, pois será prejudicial para a sociedade de destino (concorrência no espaço de trabalho, influência cultural e religiosa, não sujeição a atividades secundárias etc.). Essa instrumentalidade funcional faz com que imigrantes tendam a se fechar *sobre si mesmos*, mantenham-se cidadãos da pátria e da cultura de origem frente a um ambiente de hostilidade e de dificuldade de inserção.

Os imigrantes, como diz Sayad (2002), são cidadãos de um país/região que lhes hospeda; mas, são hóspedes de um outro país que exterioriza não os querer, portanto, sentem-se indesejáveis devido a um conjunto de fatores que podem ser econômicos, ideológicos, religiosos e étnicos. Na medida em que há a identificação com a nacionalidade, produz-se a diferença, quando não são processos que estereotipam e diferenciam. Essas diferenças acabam por criar identificações estratégicas de pertencimento que vão desembocar no campo educacional, no conjunto dos processos que envolvem os “nacionais” e os “outros”; por isso produz uma fronteira que é e não é nacional. Diz Sayad que o imigrante perverte essa ordem do nacional; ele separa e, ao mesmo tempo, força, força e formula um integralismo, um purismo nacional, uma naturalização da nação (de

4. Willis (1991) analisa com brilhantismo, através de um amplo estudo etnográfico, as estratégias de alunos, inseridos no jogo das produções e reproduções sociais, através de formas de contestação, de agrupamentos identificadores de grupos sociais.

5. Discussões sobre o mimetismo podem ser encontradas, dentre outros, em Goffman (1999) e Schutz (1973).

acolhida), um “espírito de estado” (SAYAD, 2002, p. 372). Por isso que, ao criar essa cisão no interior do estado, o imigrante passa a ser visto como invasor, um delinquente; desse modo, sua presença deve ser sempre incompleta, não-cidadã, deve ser desqualificada e estigmatizada. Mas, ao ser culpado por isso, o imigrante busca formas para não ser julgado como tal, adota estilos, imita, dissimula, apropria-se da identidade, língua dos autóctones, joga com as armas da referência dominante, assimila-se e mimetiza-se, ou, então, revolta-se, agrupa-se e produz suas próprias referências de mundo e sociabilidades específicas (expressão de guetos, em torno dos *negócios étnicos*, dos agrupamentos de imigrantes em bairros etc.).

Somado a isso, não podemos negligenciar o fato de que filhos de imigrantes, em geral, são inseridos em coletividades que se alteram; nisso está a família, o território de convivência, as identidades, a escola e a sociedade em geral. Desse modo, os filhos de imigrantes são membros de coletividades alteradas; “eles vão fazer outro caminho; pela estrada que nós passamos eles não irão passar. O que estamos nós fazendo é para que eles façam diferente, quem sabe até o contrário”, comenta conosco um pai, que pretende retornar para Blumenau (SC) e montar uma empresa de sorvetes, aos moldes da “que trabalho aqui”. Outro declarou-nos que “os filhos são diferentes de nós, nós sofremos e eles usufruem; tudo o que nós não pudemos fazer, eles fazem ou vão fazer; esse é o nosso consolo, é sinal de que alguma coisa de bom fizemos nesse mundo e eles vão usufruir aqui ou lá no Brasil!”

Há várias dimensões possíveis e tendências nessa relação do hoje, do ontem (dos pais) e das projeções para o amanhã: filhos podem abandonar o desejo pelo local de

origem e sua possibilidade bilíngue, quem sabe, também, fecharem-se no grupo de conacionais e não abrirem-se para iniciativas e processos de assimilação (AMBROSINI; ABBATECOLA, 2010). Vimos muitos pais e filhos que nos informaram que rapidamente se inserirem no novo cenário; ou, então, pais e filhos acham necessário inserirem-se no novo contexto; porém buscando preservar valores identitários, reduzindo conflitos entre si e com a sociedade de destino.

No início foi difícil, meu Deus, que sofrimento; minha preocupação maior era como ele [filho] iria aprender. [...]. Nós, os grandes, né, damos um jeito, mas e ele, sem saber falar nada. Ele me dizia, ‘mãe to que nem um peixe fora da água, a piaçada, eles me escanteiam’. [...] Fui falar com a diretora, tentei explicar as dificuldades dele, então mandaram ele pra um mediador cultural. [...]. Ele, aos poucos, foi se enturmado com brasileiros outros que já estavam mais adiantados. Mas no início foi de morrer. (Imigrante, que relata a dificuldade inicial do filho na escola de Desenzano na Itália).

Ao conversarmos mais diretamente com alguns filhos em escolas que visitamos (Poiano, Quinto, Desenzano, Bréscia e Pádova), ouvimos meninos e meninas dizendo que, “no início foi difícil”; “tava pra desistir”; “me perguntava por que tinha vindo”; “fugi várias vezes da escola, minha mãe vinha me buscar e não me achava,” porém, revelam superação desses desafios, o apoio de mediadores culturais, das amizades com italianos e entre outros imigrantes. Uma mãe comentou a importância

de ter aprendido o italiano, isso mudou a vida deles, eu [mãe] sinto que ele tinha de ter aprendido um pouco do italiano antes, nós [pais] pensamos em nós e não nele, achamos que aprenderia como aprende a falar em ca-

sa, mas não foi assim, sem a nossa persistência e a vontade dele, teríamos todos desistidos.

Continua a mesma interlocutora dizendo que, “agora somos nós que queremos ir embora e ele não; ele se ambientou, está feliz aqui, tem de tudo o que quer, sabe italiano, aprende inglês; voltar lá (meio rural de Cascavel) ele não quer de jeito nenhum”.

3 Reagrupar ou não? Racionalidades e estratégias

Antes de se tornar um imigrante, o migrante é sempre e, sobretudo, um emigrante.
(SAYAD)

Conhecemos duas famílias em Verona, as quais, devido à crise econômica, as mulheres retornaram com os filhos para o local de origem, os maridos pensavam em fazer o mesmo no final do ano (2013); ou seja, a intenção é reduzir custos de moradia e de outros fatores que a junção de membros da família exige. Entrevistamos uma brasileira, em Desenzano, que levava um filho de cinco anos na casa da patroa. Diz ela,

é difícil viu, porque é o preço que pagamos para ter ele com nós. [...]; nem sempre é fácil, não posso deixar em casa e, como trabalho longe, saio cedo, não tenho como pagar alguém para levar, buscar e ficar com ele depois da escola. A patroa me deixa ficar com ele na casa dela, mas é um outro mundo, não é; eles são ricos; ele volta pra casa e eu me envergonho, nós não temos nada aqui, lá [local de origem] temos alguma coisa, mas o que importa é aqui; aqui poupamos e investimos lá, né. (Imigrante; oriunda de Goiânia – GO; há quase três anos na Itália; o casal havia emigrado também para Portugal anos antes).

Há uma reconfiguração a partir dessa realidade, a qual pais e filhos se alteram, reposicionam papéis, individuações, ainda que, talvez, numa forma transitória, logo no início do reagrupamento. Um aluno brasileiro, entrevistado num momento de atividade de integração cultural com um mediador cultural brasileiro, disse-nos que “a escola é boa pra nós, ele [mediador cultural] ajuda muito; eu me sinto bem aqui [...]”; o mesmo diz querer estudar bastante, pois se seus pais retornarem ou não, tanto no Brasil quanto na Itália, o estudo vai fazer a diferença.

O tempo de convivência no novo espaço, para filhos e cônjuges que reagrupam, pode fazer com que haja uma nova recomposição de gestão da unidade; produzindo, inclusive, distanciamento em relação ao espaço de origem, como, ao contrário, uma tentativa de ligações sociais visando o retorno. A produção das distâncias e das aproximações vai depender muito das situações específicas. Em geral, vimos que filhos lutam para ficar no novo espaço, pais reprojeta seu desejo de voltar.

Os pais enfatizam sempre nas entrevistas que os filhos vão se distanciando mais de suas origens, de seu pertencimento nacional, de seu passado. Isso é manifesto no horizonte familiar, religioso, territorial e cultural (nesse último, a língua é um grande fator); identidades se deslocam, os territórios se recompõem produzindo uma redefinição simbólica e prática (SAYAD, 2002) do que seja ser um *italiano*, ou melhor, um brasileiro na Itália. Há negociações nessa passagem, ligação e/separação territorial. O novo espaço exige novas associações; é outro espaço público reterritorializado e, sem dúvida, *re-etnicizado* em razão das conveniências territoriais, da escola, do mimetismo social e cultural, da proximidade com os “outros”; há uma transição de um “nós” que se re-

define num novo “eu” que se reencaminha para um outro “nós” para afirmar novamente um “eu”; por isso, capitais simbólicos e referenciais passam a conflitar e se recompor em novas *modalidades de ação* (âmbito religioso, por exemplo, os velhos saberes e seus mediadores, o poder da família, os engajamentos sociais etc.) (BOURDIEU, 1998).

O retorno ao local de origem demonstra ser uma denúncia e espelha a identidade do imigrante, é o que diz Sayad (2000). Para ele, o sujeito imigrante não é do lugar de destino, não é *seu lugar*, não é sua casa; o *seu*, de seu pertencimento e vínculo, está num outro ambiente. Diz o autor que o desejo de retornar significa um *reclamo às origens*, à condição inicial, àquela de emigrante antes de imigrante; é algo que está no âmago da condição de imigrante, que implica numa concepção de tempo em que o futuro é redirecionado como se fosse um *retorno a si mesmo*, ao seu grupo, ou seja, uma retrospectiva pessoal. Segue o autor afirmando que o retorno é uma forma de fuga, da mesma forma como pode ser a partida, uma forma de satisfazer a nostalgia, de fazer fluir a memória, ainda que se saiba que o tempo da partida não é mais aquele e nem o espaço; esse último, diz o autor, reconfirma-se e reconfigura-se com o tempo e com os sujeitos que se alteram nele. Por isso, que Sayad (2008) fala que as segundas gerações são “filhas ilegítimas”, pois possuem a cultura de origem, mas, ao mesmo tempo, fazem um grande esforço na atividade de tradução e reinterpretação de seus códigos morais e de sociabilidade.

Há, nesse sentido, no interior do país, através principalmente da escola, uma grande *produção institucional da etnicidade*; ou seja, *lógicas identitárias* que evocam diferenciações das alteridades para servir de referências e/ou de espelhos, de contra

-pontos, quando não para desqualificar e/ou estigmatizar. Nesse sentido, produz-se um jogo em que a etnicidade serve para provocar alianças; mas, também, rupturas e recomposições, negociações, patrimônios tornados *comuns* (BOUBEKER, 2003) ou diferenciados pela situação de contato (conforme narrativa de uma interlocutora brasileira que disse “se sentir menos italiana na Itália que no Brasil”), demonstrando como os fatores considerados culturais e de identificação histórica de algum grupo são dinâmicos, não substancializados, para não dizer, totalmente esvaziados do argumento étnico (ZANINI, 2006).

As identidades culturais têm muito a ver com as estratégias adotadas pelos indivíduos em suas interações, nas quais os atores/grupos sociais se co-alisam ou se distinguem (WILLIS, 1991), fazem ver seu pertencimento étnico – “sereis bons italianos” se forem bem assimilados na escola e na sociedade italiana; ou, então, “sereis bons imigrantes” se forem *oriundi*. É por isso que a dupla-cidadania torna-se uma referência de identidade inversa, da marca da diferença, da alteridade e dualidade cultural; a língua torna-se esse sinal da ligação entre as duas culturas, identifica raízes; mas, ao mesmo tempo, tornam sujeitos sem “segurança cultural,” sem nacionalidade e raízes definidas. Como diz Dessajan (2009, p. 46), imigrantes com dupla-cidadania poderão estar presentes na sociedade que os acolhe, mas “serão sempre de onde eles vêm.”

Um pai nos revelou que o reagrupamento (emigração) de dois filhos que moravam em Criciúma fez com que ele alterasse muito a sua vida. Em primeiro lugar, diz ele, “veio o custo econômico e a dificuldade burocrática, que exigem conhecimento de leis e a necessidade de auxílio externo, certificação no trabalho, condições adequadas

no campo da habitação”; diz o interlocutor que precisou também muito tempo de espera e envolvimento para regularizar tudo – “perdi um bom tempo de trabalho pra isso” –, exigência de donos de casa que não querem alugar para estrangeiros, pagava 600 euros de aluguel e ganhavam entre os dois (os pais) não muito mais do que 1200 euros; há poucos alojamentos em casas populares, patrões demitem quando sabem que as empregadas desejam agrupar filhos – há o temor de não as ter por mais muito tempo –, recusam também de lhes dar amparo e o certificado de segurança no trabalho (registro legal e salário regulamentado), exigências essas para encaminhar o reagrupamento de filhos. Na realidade, é uma situação complexa, implica vários processos, relações não tão harmônicas, expressivas de relações que envolvem capitais financeiros e trabalho no horizonte doméstico/familiar.

Percebe-se que os filhos são não só um recurso, um bem-estar, mas também um *peso* na Itália; pois exige grande esforço de adaptação, muitos foram, até o reagrupamento, cuidados por outros; há necessidade de novos amigos, de compensar as coisas deixadas e as lacunas nos papéis de pais, dificuldade de gestão dessa transição, os grandes desafios na aprendizagem escolar, a necessidade de tornar os trabalhos mais elásticos para ganhar mais (todos nos disseram que, quanto mais dispêndio com os filhos, mais necessidade de trabalho – das mães em particular –; pois podem migrar de uma casa para outra, ou, então, ampliam os trabalhos fixos em outras atividades externas, quase sempre em atividades de limpeza e cuidado de idosos à noite). Nos relatos individuais, são sentidos os limites e as dificuldades que o novo ritmo de vida exige, a renegociação de deveres e responsabilidades para si e para os filhos – esses, muito

em correspondência e/ou contraposição ao vivido anteriormente, em geral, com muito mais liberdade em razão das ausências de um ou dos dois pais, dos limites necessários ao consumo e a compreensão da necessidade de poupança.

Batemos na tecla de que o cenário migratório faz filhos e pais mudarem, principalmente se os primeiros forem adolescentes; a mudança acontece com o cenário, com as relações e situações de seu contexto. Adolescentes assumem diversos comportamentos na escola, na família, com os amigos; mimetizam-se com adolescentes italianos, em geral do grupo de escola; sua imersão na sociedade italiana, sua presença na escola e na interação com a sociedade italiana lhes favorece (CANEVA; BONIZZONI; AMBROSINI, 2009). Filhos que emigram na adolescência e que passaram algum tempo com avós tornam mais complexa a recomposição e produzem um conjunto de relações que promovem conflitos no interior da família. Retornos existem, tanto de adolescentes quanto de mães em razão dessas relações de difícil re-elaboração. Uma das imigrantes entrevistadas revela os dilemas, as preocupações e os limites quando do agrupamento de filhos no interior da família imigrante:

Faz dois anos que vim, trouxe um filho junto, um só porque o outro exigiria mais espaços e muito mais gasto. Daí, pensamos, vem um e, depois com o tempo o mais velho vem também. Deixei ele com minha mãe. Foi difícil para todos, pra ele então, nem quero lembrar! [...]. Fizemos o que podíamos. [...]. Eu pensava em voltar sempre, mas não podia dizer para não desmotivar quem já estava aqui e quem queria vir. Não me acertava em nada, senti a falta de amigos, de gente que te ajuda, não arrumava trabalho, só bico aqui e lá, na folga de alguém; coisa triste viu! Estava

com quase toda a família e me sentia estranha, longe, com a cabeça lá, pensando em tudo o que deixamos; ele [o marido] (voltou-se pra o marido) não diz, mas acho que sentiu a mesma coisa (sinal de aprovação do mesmo). [...]. Acompanhei ela na escola, escolinha né, mas ficava eu mais perdida ainda, vinha gente falar comigo e eu não sabia falar nada, cada imigrante com uma língua, que tristeza, gente! O que passei! Não quero que ninguém passe por isso [...]. Foi um parto viu, dois, porque um foi sair de lá, outro foi se acostumar aqui. [...]. Ele [marido] quer voltar, acha que não vale mais a pena ficar aqui com a crise que está, com os gastos altos que temos, se chegarmos de ficar sem trabalhar, nossas economias vão por água abaixo. Eu tento dizer que já passamos por muitas, que viemos aqui pelos filhos, pra eles é melhor ficar aqui. Mas ele está cansado, se vê, já deu o que tinha de dar aqui. [...]. Os filhos é que não querem; ele [filho mais velho] não quer nem ouvir falar nisso. (Imigrante que reagrupou com o marido; a mesma morava com a família em Vicenza; oriunda de Francisco Beltrão – PR. Entrevista direta em sua casa).

Em Milão, entrevistamos um pai que, devido às condições econômicas difíceis, teve a esposa e a filha de 13 anos retornadas, após dois anos de reagrupamento na Itália. O mesmo foi enfático ao afirmar a dificuldade de gerenciar harmonicamente a nova vida. “A filha nunca tava satisfeita, revoltada que só ela, vivia comparando as coisas daqui e de lá, sempre pior aqui; [...]. Resultou no retorno das duas.” Vários foram os depoimentos de filhos que disseram não querer voltar, que os pais “falam em casa em voltar”, que, por eles, “ficariam na Itália”, que “é melhor aqui”; um menino nos disse que os pais insistem para eles “aprender bem o italiano” e “aprender

bastante na escola” para arrumar um bom emprego no Brasil e que ele corrigiu seu pai dizendo que não era no Brasil, e sim “na Itália.” Essa é uma realidade problemática, ambígua, não tão definida a priori e, que, no fundo, os filhos acabam é acatando os interesses e decisões dos pais, obviamente, não sem conflitos e ressentimentos.

Quando viemos aqui era pra ganhar dinheiro, não voltar de mãos vazias; a família teria de ser sacrificada; é o preço. Ganhar dinheiro, poupar e investir, ter uma vida mais ou menos assegurada; só que pra isso precisa mais de 10 anos. [...]. Os filhos vão ter experiência, vão se formar, bem empregados, vão aprender outra língua, vai ser bom pra eles; vão seguir uma vida mais tranqüila, vá até que ela [sua filha] case aqui [risos da mulher e desaprovação da filha]. [...]. Eu não penso em ficar aqui e eles seguem nós, até porque ainda são de menor, nem podem ficar aqui; com o tempo, se quiserem vir como nós viemos, tudo bem, e é certo que virão, só que bem melhor daí né, nós aqui foi muito sofrido. (Narrativa de um pai que se diz com a “mala pronta pra voltar”, oriundo de Presidente Prudente – SP).

Os filhos agrupados passam por processos de reterritorialização de suas identidades, “ser que nem eles”, os italianos; vimos que alguns entrevistados enfatizam o desejo de seguir outro modelo de vida, esforçam-se para aprender o italiano, ficam indignados com a política do *ritardo scolastico*, ou seja, a sua colocação em espaços com idade e escolaridade inferior. Um adolescente brasileiro, presente em uma de nossas entrevistas em família, disse-nos que “to em série atrasada, no meio das crianças, me sinto mal, não queria isso, fui obrigado, tudo por não haver aprendido o italiano antes de vir, pelo menos um pouco.”

“Os filhos compõem seus processos de individuação diferenciados dos de seus pais e, muitas vezes, entre si.” (HAMMOUCHE, 2007, p. 71). Mas, no horizonte relacional, pensa-se na família nuclear, na co-abitação, nas delimitações do que é interior e exterior. A imigração de famílias faz produzir dificuldades de comunicação entre grupos e em cada geração no interior delas (WOLFF; ATTÍAS-DONFUT, 2009). Filhos querem ficar no país de destino, pais querem retornar (os indivíduos se subordinam ao grupo, ao respeito às regras, à pressão para a co-abitação); isso foi o que mais vimos nos cenários empíricos que definimos. Diz um pai entrevistado que, “a gente não planta árvores velhas”, não é bom deixar filhos serem cuidados e educados por idosos, por isso “se voltamos, todos vão juntos”. Um mediador cultural disse-nos em entrevista que os pais

dizem que fazem tudo para os filhos, mas, então, não seria melhor ficar e fazer a vontade deles? Os pais não deveriam se sacrificar para seus filhos? Ou os pais não querem perder a ligação e a autoridade com relação aos filhos? Tu pode ver que a realidade é essa: os filhos estudam e os pais trabalham; os filhos não querem ser como os pais, portanto, não os têm como referência e, os pais estão ainda muito enraizados ao local de origem; uns querem ir, outros querem ficar; os jovens têm mais perspectivas aqui, estão na Europa, aprendem outras línguas, sabem que aqui tem mais futuro pra eles; na realidade, eles não querem ser imigrantes amanhã. (Mediador cultural entrevistado em seu trabalho numa escola em Pádova).

Muitos pais possuem outros códigos culturais (GUERRAUI; COULON, 2011), alguns saíram de cidades pequenas com características do meio rural, alguns até

como pequenos camponeses, como é o caso de alguns emigrantes de Urussanga e Luzerna (SC), de Casca e Sarandi (RS). Desse modo, o capital social dos pais não se ajusta ao capital cultural dos filhos, assimilado e incorporado na Itália. É nesse sentido que, como dizem Guerraoui e Coulon (2011, p. 34), “a imigração exacerba e complexifica os quadros psíquicos, sociais e políticos inerentes à transmissão de valores e de formas culturais.” Os referidos autores insistem que é importante que os filhos tenham possibilidade de pertencer a um grupo identitário e de referência para sua construção como indivíduos; que não é bom não ter raízes; é interessante ter uma história familiar e cultural bem aceita. A ausência de comunidade, de uma passarela entre o mundo de antes e o de agora como imigrante, pode provocar insegurança e vulnerabilidade tanto para os filhos quanto para os pais; revela também capacidade de negociar com os dois horizontes espaciais e culturais.

Os filhos podem viver o duplo pertencimento ou, então, o não-pertencimento. A escola nesse sentido é importante, pois ela permite o encontro com a diferença, a confrontação de ambientes, expressa interesse ou não dos autóctones pela sua cultura e seu país (ZOLETTO, 2007). A expressão da língua materna em casa e o contato com os amigos do espaço de origem podem também ser expressão do duplo pertencimento, da segurança e satisfação em ser portador de um horizonte cultural, além de alargar relações e famílias.

Filhos imaginam e idealizam uma vida melhor na Itália. Esse processo liga representações anteriores com horizontes e significados que se apresentam na nova sociedade (TELLESCHI, 2011). Isso produz uma construção simbólica que dá sentido

ao pensar e ao agir, em um contexto social específico e em relação ao anterior. O imaginário de estar na Europa, de ganhar dinheiro, aprender outras línguas, ter status etc.; tudo isso faz parte desse horizonte de significados que alimenta o desejo de permanecer no país e não retornar. Essas estratégias e concepções variadas, racionalizadas em razão de intenções, projeções e desejos revelam a multiplicidade de fatores que envolvem a realidade de imigrante.

Percebemos que há situações em que pais se sacrificam para criar condições de permanência dos filhos no país de imigração: “vamos ficar mais um tempo, depois veremos. [...], é pra eles né”; ou, então, famílias retornadas e que pais enfatizam que filhos, ao ficarem mais velhos, “poderão eles ir pra lá.” Essa é uma situação que dependerá muito das circunstâncias e idealizações. Novamente, pensa-se na família, ela é o ponto de aglutinação e convergência das decisões; essas podem ser pelo viés da separação e/ou da aglutinação.

A família imigrante organiza um mundo e uma sociabilidade, em grande parte, diferente daquela de seu lugar de origem; isso se reflete na vida dos filhos. Esses, no início, têm dificuldade de adaptação e assimilação ao novo contexto; os que nasceram na Itália têm mais facilidade, porém, terão mais resistência em acompanhar os pais no retorno e, mesmo, o retorno para eles poderá ser muito traumático. Pais também dizem viver uma situação ambígua, pois desejam e idealizam seus filhos em melhor condição na Itália, mas também não conseguem esquecer e se desvincular do local de origem; “falamos toda a hora do Brasil, não perdemos os contatos”; o fato de “querer voltar, de retornar em um ano ou dois, aqui é bom, mas a vida mesmo é lá.”

4 “Uma bomba de fator retardado”? Sociabilidades e preconceitos

Não dá para perder de vista situações em que comparações passam a ser inevitáveis. Há o uso de estereótipos na relação com estudantes autóctones e mesmo de outras nacionalidades que estão mais adaptados; pré-julgamentos em torno da pobreza dos imigrantes, de seu país subdesenvolvido e em conflito bélico [há várias nacionalidades na Itália fruto disso], países onde se faz muita relação com a pobreza, violência, com favelas, como é o caso do Brasil; grupos com dificuldade maior de assimilação de conteúdos como é o caso de chineses, que “ninguém entende o italiano deles, quando não sabem as palavras em italiano, falam chinês, achando que alguém de nós entende!”, diz um aluno brasileiro numa escola em Quinto, o qual tem dois chineses como colegas de classe.

As segundas gerações, as que frequentam as escolas podem representar, como dizem algumas análises, “uma bomba de fator retardado” (BARBAGLI, 2002, p. 31), pois esse retardo está muito em correspondência com as oportunidades de integração e inclusão social dos filhos. “Exemplos desse problema apresentam-se em vários países, principalmente em razão da discriminação, do sentimento de inferioridade e representações dos comportamentos desviantes (criminalidade) e de reduzida assimilação de conteúdos nas escolas.” (ZOLETTO, 2007, p. 63).

Na realidade, as segundas gerações se sentem mais inseridas em horizontes culturais de seus grupos de referência, os quais, em geral, são formados por autóctones; desse modo, serão seus valores, seu estilo de vida e de mundo que serão incorporados a ela. Para quem já possui uma idade mais avançada e já morou no local de origem

dos pais, não é nada fácil essa assimilação. Somado a isso, não é incomum que, nas escolas, nas creches e nos espaços em que crianças e adolescentes brasileiros frequentam, haja reprodução de estereótipos, desqualificações culturais e étnicas em razão dos preconceitos desenvolvidos na sociedade, expressos em casa, disseminados por ações públicas etc. Sayd (2002) afirma que essas segundas gerações serão sempre “filhos ilegítimos” e, como tais, serão tratados pelos autóctones e pelas dimensões de integração subsequentes que os mesmos serão inseridos, principalmente no horizonte do trabalho. Rangel (2012) diz que as políticas de segregação, em geral, acionadas por governos pouco simpáticos aos processos de integração e intercultura com os imigrantes, encontram eco social, pois a população italiana não está preparada e nem concebendo a importância social da inserção de filhos de imigrantes no processo educacional do país. Pensa-se na assimilação de conteúdos, no âmbito da aprendizagem pura e simples, não nos processos educativos e sociabilizantes mais amplos e com temporalidades projetivas.

Esse processo político que busca segregar poderá facilitar situações de abandono de iniciativas integracionistas feitas por Organizações Não Governamentais (ONGs), centros de acolhida, investimentos altos nas ações dos mediadores culturais, bem como fechamentos e integrações entre grupos de co-nacionais, dificuldade e desinteresse para aprender a língua italiana (que é uma condição fundamental para processos de cidadania social, auto-estima, empregabilidade, capital social e humano), além de experiências frustradas do próprio projeto migratório dos pais.

Não há dúvidas, como, diz Sayad (2008), que a expansão econômica, em geral, tor-

na-se a grande consumidora de emigrantes. Diz o autor que um imigrante é substancialmente entendido como força de trabalho, força de trabalho provisória, em trânsito; é o trabalho que o faz ser; é o trabalho que condiciona sua existência. O imigrante só existe para o trabalho; aceita-se o imigrante em sua transitoriedade, alguém que chegou, mas que, em curto tempo, retornará ao seu local de origem. Os filhos dos mesmos podem até estudar e fazer cursos, mas devem continuar o trabalho dos pais, sem também dar muito custo aos setores produtivos, à vida dos autóctones e à esfera pública; é alguém que é de um outro lugar e que, mais cedo ou mais tarde, deve retornar, portanto, em teoria, não tem porque se integrar e se sentir no país de destino. Segundo Sayad (2008, p. 33), “o imigrante continua sendo identificado e/ou correlacionado com o analfabetismo, com falta de cultura e qualificação, desvinculado dos mecanismos e regras da sociedade, da economia e da cultura dita civilizada.”

Abertura e fechamento são dialetizados quando da presença do estrangeiro e, é aí, também, que reside sua ambiguidade. O mesmo delimita a distância social em razão das dimensões físico-espacial e cultural.

5 “É diferente quando tava no Brasil”. Comportamentos e autoridade

Tanto a família quanto a escola são de fundamental importância para as segundas gerações; são universos de pertencimentos onde as principais relações se produzem. Na escola, os filhos de imigrantes adquirem o status e o papel social de estudantes. Um pai fez questão de enfatizar que é um estudante “na Europa”! A escola é esse território do simbólico, das relações com amigos, das competições, dos confrontos identitá-

rios, da constituição de grupos informais (WILLIS, 1991), os quais vão permitir maior segurança, identificação coletiva, assimilação e mimetismo, descobrimentos de mundos que as famílias de imigrantes não fornecem; um espaço por excelência para a aquisição da língua italiana e do inglês (CANEVA, 2011).

Vimos que há, entre jovens/adolescentes, desejos de ser igual e diferente ao mesmo tempo, com duplo pertencimento, de vizinhança e de distância (mais aquela do que essa) em relação aos autóctones, à família, ao local de origem no Brasil. Permitir ou não que filhos façam o que fazem os autóctones de sua idade? É um grande dilema para os pais. “Prometemos a ele que, aos 18 anos, compraremos uma moto, ele enxerga todos os colegas com os ditos motorinos e quer também, vive me enchendo pra comprar uma”, relata um pai que visitamos, em Desenzano. O mesmo diz que seu filho “*mudou muito*”, que incorporou valores e formas de agir da sociedade maior; o referido não concebe que seu filho esteja se distanciando, construindo suas referências e identificações:

Tu pode ver, aqui os filhos ainda pequenotes não querem mais sair com os pais e, os pais também não saem com eles porque se mandam pras discotecas, para os pubs; mas nem cresceram ainda e estão por conta, é vergonhoso. [...]. O meu também só sai com os amigos que também não se sabe quem são, nem perguntam mais onde vamos e nem diz também onde vai. É diferente de quando tava no Brasil. (Imigrante brasileiro em entrevista direta em Verona).

Essas realidades expressam concepções e convívios no interior das famílias de imigrantes (AMBROSINI; MOLINA, 2006). A vida da família se redimensiona para fazer

frente a essa nova situação relacional (COLOMBO, 2010): escola, novos horários, novos espaços de moradia e de trabalho; mães aderem ao trabalho *part-time* para ter mais flexibilidade de horários e presença junto ao(s) filho(s), convivência em casa, em alguns casos, com outra família e/ou outro alguém que não é da família, como estratégia co-habitação para reduzir custos imobiliários, necessidade de novas amizades e dificuldade de voltar a conviver com filhos.

Em razão também da ausência de maiores vínculos sociais de pais (não possuem parentes e muitos menos relações vicinais), há certo isolamento social produzido pela realidade migratória, que revela precárias realidades familiares. Visitamos algumas famílias de brasileiros que faziam essa ressalva da dificuldade de “se encontrar com conhecidos, de se visitar, né.” Esse fechamento sobre si mesmo (a família), vivido por alguns pais, faz com que muitos filhos se integrem mais à escola, talvez, até como única alternativa. Em pesquisa de campo, ouvimos queixas de pais que não sabem o que fazer para envolverem-se melhor com os filhos, principalmente em períodos que esses não estão na escola, mesmo em relação a sua ausência no acompanhamento das aulas, dos temas e aprendizagem em geral, por falta de tempo, ou por não coincidirem os turnos livres de ambos; ou, então, por ignorância em relação ao que os mesmos estudam. Esse fato se deve em grande parte pelas próprias condições de vida e de trabalho do imigrante. Mães, em geral, trabalham em tempos e turnos variados; pais também encontram emprego também em locais distantes, alguns deles tendo de ficar fora de casa por algum tempo (como vimos dois pais que trabalham concertando trilhos de trem em regiões diversas do país, os mesmos só podem trabalhar de madrugada “quando tem menos trem

circulando”). As dificuldades são muitas, a língua é a que, repetidamente, é colocada como a maior de todas.

Essas realidades limitadoras fazem com que grande parte dos filhos de imigrantes necessite de alguns anos para a readaptação. Muitos pais se consolam e racionalizam os limites e as dificuldades dos filhos com a esperança do retorno imediato. Uma mãe nos disse que, “nós decidimos que vamos voltar no ano próximo e pronto; pra ele [filho] volta tudo a ser difícil. Ele já disse que não quer voltar; agora essa é a nossa preocupação, mas até se adaptar e se igualar aos outros na escola vai muito tempo.” Um pai nos disse que “empurro tarefa, serviço de casa pra ele; eu digo faça isso e aquilo, daí mantenho ele ocupado e ajuda a mãe dele não é, evita sair sem saber das companhias.” O mesmo coloca em dúvida determinados valores que os adolescentes italianos reproduzem, revela temor das más-companhias, “a gente já sabe de anos que os filhos de italianos são muito rebeldes, tem as drogas, não é; eles [adolescentes italianos] têm de tudo [condições de consumo] e acabam atraindo os nossos também.”

Vimos situações que, aparentemente, são ambíguas e contraditórias: pais idealizam a realização de filhos na Itália, mas desejam retornar e, portanto, utilizar essa construção simbólica nos espaços de origem; outros incentivam a integração com autóctones, mas colocam certas resistências devido aos “seus hábitos” vistos como negativos, principalmente em relação ao respeito com os pais, o consumo exagerado, sair de casa sem dizer pra onde vai etc.; ao mesmo tempo, entendem ser uma oportunidade para filhos aprenderem o italiano e, por tabela, assimilarem melhor os conteúdos, incorporarem melhor empregabilidade futura, integrem-se na sociedade e

se sentirem “menos perdido aqui na Itália”, ou, então, compensarem “nossa ausência” e falta de “acompanhamento”. Percebemos que são realidades variadas, complexas e que expressam subjetividades e condições objetivas da vida de imigrantes.

No relato de uma mãe de adolescente, a mesma diz que “não é fácil educar uma filha na Itália”, pois nos disse que mulheres brasileiras são vistas “com preconceitos; são mal vistas, eu mesma já fui tratada como puta e ladrona numa casa de família onde trabalhei [...], com um mês que tava lá, já recebi uma cantada de um vizinho, eles pensam que brasileira vem pra cá para faturar com o sexo e só fazem de conta que trabalham; não é assim.”

Em face dessas realidades difíceis e movidas por pré-conceitos, muitos pais depositam mudanças e redefinições disso nos filhos. O domínio da língua talvez seja o grande trunfo das segundas gerações aliado aos processos educativos em geral promovidos pelas escolas. Em teoria, isso possibilita uma maior integração cultural e dialógica (FAVARO; LUATTI, 2004), porém, segundo os autores citados, não é uma boa opção considerar o destino das segundas gerações como lineares, ou seja, pelo fato de estar tendo tais e tais oportunidades hoje, amanhã serão assim de tal forma; há, sim, percursos, perspectivas, mobilidades, assimilação, manutenção de referenciais culturais, pertencimentos, os quais são ou podem ser diferenciados.

Alguns dos filhos que acompanhamos em escolas emigraram no limite máximo há quatro anos, ou, então, emigraram com os pais, ou devido à dupla-cidadania e, portanto, a emigração de filhos aconteceu quando os pais julgaram *necessária* e possível. No primeiro caso, há um recomeço do viver junto com os pais e, esse processo,

sem dúvida, é comum que tenha provocado modificações importantes, separações nos confrontos de lugares, incertezas múltiplas. Porém, é sabido que os filhos, aos poucos, vão adaptando flexivelmente seu comportamento (AMBROSINI, 2009). Identidades, valores, diferenças, assimilações e integrações, emancipações grupais e individuais, perspectivas interculturais, conflitos etc., serão testados pelas segundas gerações; serão elas a nos dizer e fazer ver a história da imigração na Itália.

Estudos na Itália revelam que as gerações que nascem no interior do processo migratório se diferenciam das que são provenientes de sociedades de origem, e, por isso, apresentam novas formas de transmissão de seu patrimônio cultural (BARBAGLI, 2002). Vimos isso numa família de brasileiros em que um filho de ambos migrou pra Itália com sua mãe com seis meses de idade, o mesmo foi alfabetizado na língua Italiana. Ao conversarmos com seus pais, percebemos a grande diferença do mesmo e de outros filhos que migraram pré-adolescentes junto a outras famílias. “Ele fala tudo em italiano, até nos corrige [...]; dá pra dizer que ele é um italiano e não brasileiro, esse sim vai ter dificuldade quando nós voltarmos no final do ano, vai ter de se adaptar lá; daí, né, o que os filhos que vêm de lá fazem e passam aqui, ele vai sentir isso lá depois, vai ser difícil pra ele se adaptar.”

Assim como a imigração, na definição de Sayad (1999), pode ser uma dupla ausência, pensamos que pode ser também uma dupla presença, quando não uma identidade entre duas culturas, dois grupos, dois países, dois sentimentos; como nos disse uma interlocutora: entre “trabalhar e viver.” Há um “sistema de representação” (SAYAD, 1999, p. 36) que se produz com a terra de origem,

por ser o local de nascimento, da família, dos parentes, dos amigos, de investimentos, que não lhe deu condições de viver, mas, sim, de emigrar; é o cenário do reagrupamento familiar, afetivo e territorial. Nessa questão do reagrupamento, é interessante observar que alguns pais, após reagrupados, pensam em ficar mais tempo na Itália para depois retornar, até porque “o custo foi alto para fazer vir a mulher e os filhos”; no entanto, quanto mais permanecerem, mais são permitidas as condições para os filhos fincarem raízes e não quererem voltar mais e, se voltam, são os que mais insistem seus pais para retornar novamente. Por meio desses discursos percebe-se que imigrantes têm consciência que eles e os “outros lá” não são mais os mesmos, que sua relação com o local de origem ganhou outra dimensão, “ficou diferente.”

6 Considerações finais

*Não se deixa impunemente um local...;
o tempo age.
(SAYAD).*

Vimos que aspectos vivenciados pelas segundas gerações não estão desvinculados da realidade vivida pelas condições do contexto migratório, dos processos simbólicos que envolvem a identidade de imigrante, bem como as intenções subjetivas e as condições das famílias migrantes. Por isso que, tanto as segundas gerações, quanto a escola, não estão desvinculadas das concepções sociais, das políticas migratórias e das expectativas de imigrantes em permanecer por um bom tempo ou não no país. Nesse sentido, a escola produz processos sociais não tão deslocados da vida comum do imigrante e dos autóctones; as visões de mundo que nela se desenvolvem são repre-

sentativas da sociedade maior. Nesse horizonte, o mimetismo se constitui. Vimos que imigrantes desejam permanecer no país, identificar-se com o estilo de vida dos autóctones como estratégia de adaptação, de encobrimento de sua identidade de “filhos de imigrantes” e de estrangeiros; isso produz conflitos identitários junto a esses, no interior da família, nos desejos entre ficar e/ou retornar com os pais.

Percebemos que há interesses em conflito no interior das famílias de imigrantes brasileiros; filhos adolescentes e jovens buscam distanciar-se de suas raízes, de seus vínculos com a sociedade de origem e desejam permanecer no país, realidade essa que produz tensão no cotidiano familiar em razão da maior probabilidade de retorno ao Brasil (ao local de origem) devido à crise econômica do país e consequente redução de ganhos.

Analisamos a tendência à *italianização* de filhos de imigrantes como estratégia mimética, vista como europeização, progresso, civilização e bem-estar. Esse processo é, em grande parte, absorvido e idealizado por imigrantes e, em particular pelas segundas gerações (BRUCCOLA, 2003). Esse desejo de uniformidade acaba por produzir ainda mais as representações que se materializam no campo educacional, contrastadas com a miséria, clandestinidade, exotismo, as guerras que se desenvolvem em algumas das origens dos fluxos. Estudos enfatizam que o sistema educacional italiano ainda não está bem preparado para a inserção do imigrante; é um cenário que ainda revela desigualdades sociais e culturais (COLOMBO, 2002). Políticas de governo não estão auxiliando muito para alterar isso. Desse modo, as segmentações são quase que inevitáveis e os alunos estrangeiros carregam o estigma de serem *filhos de imigrantes* (BONIFAZI, 2007).

Isso legitima a necessidade da uniformidade e da referência hegemônica aos processos assimilacionistas da sociedade maior. Em razão disso, imigrantes absorvem juízos em torno da intolerância, diferença e tensão social em torno deles, fato esse que nos faz relativizar as pregações que enfatizam o papel da escola como fundamental para as futuras gerações de imigrantes no que tange ao trabalho, integração, performance pública etc.

Vimos algumas estratégias de pais em aproximar-se com co-nacionais, em geral, com casados e que têm filhos na mesma situação; porém, nem sempre os filhos se integram com os da mesma nacionalidade e mesmo os da região de origem. Talvez seja uma forma de desmemitizarem-se, de não serem identificados, de produzir diferenciação entre os próprios co-nacionais, de expressar o desejo de identificação com os autóctones, de se inserir com mais intensidade na sociedade maior e de se referenciar nela (consumo, moda, estilos, valores, idealizações etc.). Mesmo assim, as ligações com o local de origem continuam nas lembranças dos filhos e seguem fazendo parte de sua identidade, reconhecida pelos pais como “cada vez mais distante”. A estratégia mimetista se dá justamente para desconfigurar a historicidade (origem, país, condições econômicas, de serem estrangeiros etc.) e redefini-la a partir de novos pressupostos adequados às representações da sociedade Europeia.

Os filhos de imigrantes carregam identidades múltiplas, complexas e que terão de ser pensadas e negociadas cotidianamente, tanto hoje, quanto em momentos futuros de maior assimilação, pois integrações subalternizantes de sujeitos que se consideram cidadãos do país poderão ser causas de múltiplos conflitos posteriores. “A in-

tegração das segundas gerações representa não só um nó crucial dos fenômenos migratórios, mas também um desafio para a coesão social e um fator de transformação das sociedades de acolhida.” (AMBROSINI; MOLINA, 2006).

No que se relaciona às famílias, vimos que pais depositam muita esperança no estudo dos filhos imigrantes; idealizam um espaço melhor do que eles tiveram; filhos também incorporam isso; alguns dos que conseguimos conversar responderam que não querem fazer os trabalhos dos pais, querem “coisa melhor” e muitos deles disseram que, se dependesse deles, não voltariam mais para o Brasil. Essa é uma questão preocupante para os pais. É concebível que, com o passar dos anos, os filhos vivenciem, pelo menos em parte, algo como um duplo pertencimento cultural, visto por alguns estudiosos como uma grande vantagem, um grande capital cultural e social (BARBAGLI; COLOMBO; SCIORTINO, 2004).

Dados estatísticos estão demonstrando que filhos de imigrantes têm dificuldades de passar nos testes de Estado na oitava série, necessários para adentrar no nível médio, ou, então, na terceira-média (último ano antes de entrar para a universidade) não conseguem obter notas satisfatórias, bem como o fato de que há uma alta desistência de alunos imigrantes das escolas italianas (DALLA ZUANNA et al., 2009). Em grande parte, isso reflete as condições de vida dos imigrantes. Os pais não dominam a língua, não têm o nível de instrução em relação ao que se desenvolve nas escolas italianas, além do mais, muitos não têm tempo, fazem trabalhos em turnos que não possibilitam o contato cotidiano com os filhos. A escola deve se encarregar de suprir essas lacunas todas. As contradições entre pais e filhos dependem muito do capital so-

cial e cultural, humano e afetivo, colocado à disposição pelos primeiros e seu reconhecimento social (FRANCO, 2010).

Enfim, percebemos que mães e pais movimentam-se no interior de uma sociedade que não é a deles; trabalham para ganhar dinheiro, melhorar de vida e retornar; desse modo, os mesmos possuem reduzida integração em seu meio (AMBROSINI, 2010). Os filhos agem num campo social que é interconexo e dinâmico, que tanto pode ser *seu*, como, com maior probabilidade, pode não ser. Nesse sentido, entendemos que, para as segundas gerações, a escola é o lócus dessa dinâmica toda; é onde se demarcam fronteiras e se conhece mais de perto as práticas cotidianas dos autóctones e de vários outros grupos étnicos e de classes sociais (WILLIS, 1991); é o local onde, em meio aos de sua idade, há adultos (professores, gestores, pais etc.); espaço em que se constituem as redes de amigos e, essas, são de suma importância para os processos integrativos de inserção e identificação social. Esses vínculos podem até substituir em grande parte o papel da família em seu suporte e proteção e exercer um intenso processo mimético.

REFERÊNCIAS

AMBROSINI, M. Il futuro in mezzo a noi: le seconde generazioni scaturite all’immigrazione nella società italiana dei prossimi anni. In: GIOVANNINI, G.; QUEIROLO PALMAS, L. *Una scuola in comune*. Milano: Fondazione Giovanni Agnelli, 2009. p. 1-53.

_____. *Italiani con trattino: identità e integrazione tra i figli degli immigrati*. Lecce: Edizioni Grifo, 2010.

_____. *Sociologia delle migrazione*. Bologna: Il Mulino, 2005.

- _____; ABBATECOLA, E. (a cura di). *Famiglie in movimento: separazioni, legami, ritrovimenti nelle famiglie migranti*. Genova: Il Melangolo, 2010.
- _____; MOLINA, S. *Seconde generazioni: un'introduzione al futuro dell'immigrazione in Italia*. Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 2006.
- BARBAGLI, M. *Immigrazione e reati in Italia*. Bologna: Il Mulino, 2002.
- _____; COLOMBO, A.; SCIORTINO, G. (a cura di). *I sommersi e i sanati: le regolarizzazioni degli immigrati in Italia*. Bologna: Il Mulino, 2004.
- BONIFAZI, C. *L'immigrazione straniera in Italia*. Bologna: Il Mulino, 2007.
- BOUBEKER, A. *Les mondes de l'éthnicité: voix et regards*. Paris: Ballaud, 2003.
- BOURDIEU, P. A imigração ou os paradoxos da alteridade. In: SAYAD, A. *A imigração*. São Paulo: Edusp, 1991. p. 11-12.
- _____. *La domonation masculine*. Paris: Seuil, 1998.
- BRUCCOLA, V. Scuola con gli "stranieri": riflessioni sulla risposta alla diversità culturale in ambiente scolastico. *Studi Emigrazione*, Roma, v. 40, n. 151, p. 539-557, 2003.
- CANEVA, E. *Mix generation: gli adolescenti di origine straniera tra global e local*. Milano: Franco Angeli, 2011.
- _____; BONIZZONI, P.; AMBROSINI, M. *Ritrovarsi altrove: famiglie e riconiunte e adolescenti di origine immigrata*. Milano: Fondazione ISMU, 2009.
- CARITAS/MIGRANTES. *Immigrazione. Dossier statistico 2012*, Roma: Idos, v. 22, 2013.
- COLOMBO, E. (a cura di). *Figli di migranti in Italia*. Novara: UTET, 2010.
- _____. Molto più che stranieri, molto più che italiani, modi diversi di guardare ai destini dei figli di immigrati in un contesto di crescente globalizzazione. *Mondi Migranti*, Milano, n. 1, p. 63-85, 2002.
- DALLA ZUANNA, G. et al. *Nuovi italiani. I giovani immigrati cambieranno il nostro paese?* Bologna: Il Mulino, 2009.
- DESSAJAN, S. et al. (Dir.). *Immigration et identité nationale*. Paris: L'Harmattan, 2009.
- FAVARO, G.; LUATTI, L. (a cura di). *L'intercultura dalla A alla Z*. Milano: Franco Angeli, 2004.
- FRANCO, A. *Immigrati di seconda generazione a scuola: una ricerca in Toscana*. Milano: Franco Angeli, 2010.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GUERRAUI, Z.; COULON, O. *Transmission familiale et interculturelle*. Paris: Éditions in Press, 2011.
- HAMMOUCHE, A. *Les recomposition culturelles. Sociologie des dynamiques sociale en situation migratoires*. Strasbourg: PRES, 2007.
- OSSERVATORIO IMMIGRAZIONE. *Regione Veneto. Ufficio Scolastico Veneto/ARIS*, 2010.
- RANGEL, P. *Barrados: um ensaio sobre os brasileiros inadmitidos na Europa e o conto da aldeia global*. Brasília, DF: Abaré Editora, 2012.
- RAVECCA, A. *Studiare nonostante: capital sociale e successo scolastico degli studenti di origine immigrata nelle scuole superiori*. Milano: Franco Angeli, 2009.
- SAYAD, A. *Histoire et recherche identitaire*. Paris: Bouchène, 2002.
- _____. *La double absence*. Paris: Ed. Du Seuil, 1999.
- _____. Les trois "ages" de l'émigration algérienne en France. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, v. 15, n. 15, p. 59-79, 1997.
- _____. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Revista Travessias*, v. 13, n. especial, p. 7-32, jan. 2000.
- _____. *L'immigrazione o i paradossi dell'alterità: l'illusione del provvisorio*. Verona: Ombre Corte, 2008.
- SCHUTZ, A. *El problema de la realidad social*. Buenos Aires: Amorrortu Editora, 1973.
- TEDESCO, J. C. *Entre raízes e rotas. Identidades culturais em movimento: aspectos da imigração brasileira na Itália*. Passo Fundo/Itajaí: UPF Editora/Univali, 2012.

TELLESCHI, T. *Presente e futuro delle migrazioni internazionali: per una morale di una nuova prossimità*. Pisa: Edizione Plus, 2011.

WALDINGER, R.; PERLAMANN, J. *Seconde generazione: presente, passato, futuro*. In: AMBROSI-
NI, M.; ABBATECOLA, E. (a cura di). *Famiglie in movimento*, 2009. p. 251-278.

WILLIS, P. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

WOLFF, F. C.; ATTIAS-DONFUT, C. *Les destin des enfants d'immigrés*. Paris: Stock, 2009.

ZANINI, M. C. *Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria – RS*. Santa Maria: UFSM, 2006.

ZOLETTO, D. *Straniero in classe: una pedagogia dell'ospitalità*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2007.

NOTA SOBRE O AUTOR

João Carlos Tedesco é doutor em Ciências Sociais, pós-doutorado pela Universidade de Milão; professor do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Passo Fundo. Pesquisador CNPq; pesquisa temas relacionados à memória e patrimônio, a movimentos sociais de luta pela terra e imigração contemporânea.

Recebido em: 11.03.2014

Aprovado em: 19.12.2014

